

## Gradiência de composicionalidade da construção X-NTE em dados do século XX

*Gradient of compositionality of the X-NTE construction in 20th-century data*

Fernando da Silva Cordeiro\*  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil

Francisca Vidânia de Lima Souza\*\*  
Universidade Federal Rural do Semi-Árido  
Caraúbas, Rio Grande do Norte, Brasil

**Resumo:** Este artigo estuda a composicionalidade da construção X-NTE, que licencia substantivos e adjetivos do português brasileiro formados pelo acréscimo do sufixo *-nte* a uma base verbal. O objetivo do trabalho é analisar a composicionalidade da construção, observando quais propriedades formais e funcionais contribuem para a maior/menor composicionalidade dos nomes deverbais em *-nte*. De modo mais específico, pretende-se: i) apontar propriedades formais e funcionais que podem servir como parâmetros de composicionalidade da construção; ii) analisar como e com que frequência esses parâmetros favorecem (ou não) a composicionalidade dos deverbais em *-nte*; iii) avaliar em que medida nomes em *-nte* podem ser considerados mais ou menos composicionais. A fundamentação teórica consiste em pressupostos da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU) e da Gramática de Construções. A pesquisa, de caráter qualitativo com suporte quantitativo e abordagem descritivo-explicativa, analisou 367 ocorrências extraídas do *Corpus* para a História do Português Brasileiro (CPHPB). Foram identificados quatro parâmetros de composicionalidade: analisabilidade, herança da estrutura argumental do verbo-base, correspondência de sentido entre base e nome deverbal e especialização semântica. A inter-relação entre esses quatro parâmetros revelou um *continuum* de composicionalidade. Em sua maioria, os nomes em *-nte* demonstraram ser mais composicionais. Essa predominância é atribuída principalmente aos parâmetros de analisabilidade, correspondência de sentido entre a base verbal e o nome deverbal e especialização semântica de certos itens em contextos específicos. Apenas o parâmetro relacionado à herança (ou não) da estrutura sintático-semântica da base verbal indicou maior tendência à não composicionalidade.

**Palavras-chave:** Nomes em *-nte*. Composicionalidade. Linguística Funcional Centrada no Uso. Gramática de Construções.

**Abstract:** This article studies the compositionality of the X-NTE construction, which licenses nouns and adjectives in Brazilian Portuguese formed by adding the suffix *-nte* to a verbal base. The aim of this work is to analyze the compositionality of the construction, observing which formal and functional properties contribute to the greater/lesser compositionality of deverbal nouns in *-nte*. More specifically, it intends to: i) point out formal and functional properties that can serve as parameters of the construction's compositionality; ii) analyze how and how often these parameters favor (or not) the compositionality of

\* Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Professor de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). Docente Permanente do Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (UFRN). E-mail: [fernando.cordeiro@ufersa.edu.br](mailto:fernando.cordeiro@ufersa.edu.br).

\*\* Graduada em Letras-Português pela Universidade Federal Rural do Semi-Árido (UFERSA). E-mail: [vidaniasouza123@gmail.com](mailto:vidaniasouza123@gmail.com).

deverbals in *-nte*; iii) evaluate to what extent nouns in *-nte* can be considered more or less compositional. The theoretical foundation consists of assumptions from Usage-Based Functional Linguistics (UBFL) and Construction Grammar. This qualitative research, supported by quantitative data and employing a descriptive-explanatory approach, analyzed 367 occurrences extracted from the Corpus for the History of Brazilian Portuguese (CPHPB). Four parameters of compositionality were identified: analyzability, inheritance of the argument structure of the base verb, correspondence of meaning between the base and the deverbal noun, and semantic specialization. The interrelation between these four parameters revealed a continuum of compositionality. Most nouns ending in *-nte* proved to be more compositional. This predominance is mainly attributed to the parameters of analyzability, correspondence of meaning between the verbal base and the deverbal noun, and semantic specialization of certain items in specific contexts. Only the parameter related to the inheritance (or lack thereof) of the syntactic-semantic structure of the verbal base indicated a greater tendency towards non-compositionality.

**Keywords:** Nouns in *-nte*. Compositionality. Usage-Based Functional Linguistics. Construction Grammar.

## 1 INTRODUÇÃO

A língua portuguesa apresenta um conjunto de substantivos e adjetivos do português brasileiro formado pelo acréscimo do sufixo *-nte* a uma base verbal, ao que chamaremos de nomes deverbais em *-nte* ao longo deste artigo. Este padrão pode ser descrito como uma construção nominalizadora expressa pelo esquema formal  $[[X]_V - nte]_N$ - doravante X-NTE. O sufixo *-nte*, única parte fixa dessa construção, representa um resquício do particípio presente latino, uma forma verbo-nominal que está ligada à origem desses nomes, que já apresentava, em seus usos, certa fluidez categorial entre as duas classes de palavras citadas anteriormente (Cordeiro; Bispo, 2022). As amostras em (1) e (2) ilustram o uso desses nomes, em que o substantivo *contribuinte* e o adjetivo *apavorante* são derivados, respectivamente, dos verbos *contribuir* e *apavorar*.

(1) Ao que consta, estes senhores são pagos pelo **contribuinte**. Portanto, devem explicações de seus atos, ou não? (CPHPB, Séc. XX)

(2) desde a escola primaria o espirito de interesse pelas cousas com que lida o espirito de invenção de cousas melhores, afim de enfrentar e evitar o crescimento **apavorante** da onda sombria do exodo rural mais devastadora das nossas culturas e rebanhos do que as seccas do Norte e as geadas do Sul Dias Martins (CPHPB, Séc. XX)

À luz de estudos anteriores como Cordeiro (2017; 2021), Bispo e Cordeiro (2020), Cordeiro, Bispo e Lucena (2021), defendemos que a experiência concreta e rotinizada de uso de nomes em *-nte*, como *contribuinte* e *apavorante*, permite a esquematização de um padrão de formação de palavras, descrito como X-NTE. Esse esquema configura-se como uma construção, já que parece existir um pareamento convencionalizado entre esse padrão morfológico e algum sentido, alguma informação pragmática ou alguma estrutura informacional (Furtado da Cunha; Bispo; Silva, 2013). Essa relação entre forma e função estabelece-se por meio de um elo simbólico convencionalizado que, apesar de não ser totalmente arbitrário, também não é completamente previsível a partir da soma dos elementos que o formam.

É particularmente importante pontuar que, embora a semântica de palavras como *contribuinte* e *apavorante* seja transparente em relação à semântica dos verbos que constituem suas bases, existem ocorrências em que os sentidos instaurados por esses nomes não correspondem mais à simples junção das partes componentes do esquema, podendo revelar nuances semânticas que emergem nos seus variados contextos de uso, através de motivações cognitivas, discursivas e/ou pragmáticas.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções apresentam três propriedades principais: esquematicidade, produtividade e composicionalidade. A composicionalidade refere-se ao grau de transparência do elo simbólico entre o par - forma e função - que a compõe. Assim, quando há certa previsibilidade entre o significado do todo e a soma das partes que o integra, estamos diante de uma construção mais composicional. Por outro lado, quanto mais opaco for o elo entre a forma e a função de uma construção, menos composicional ela será.

Traugott e Trousdale (2013) ressaltam que as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade são consideradas gradientes. Dessa forma, as construções podem ser mais ou menos esquemáticas; mais ou menos produtivas; e mais ou menos composicionais. A partir disso, questionamo-nos: como identificar se uma construção é mais ou menos composicional? Existem fatores formais e/ou funcionais que influenciam a composicionalidade de uma construção?

Nessa perspectiva, nosso objetivo geral é investigar a composicionalidade da construção X-NTE a partir da correlação de propriedades formais e funcionais dos nomes deverbais em *-nte* nos contextos de uso em que ocorrem. Especificamente, buscamos: i) apontar propriedades formais e funcionais que podem influenciar a composicionalidade desses nomes, atuando como parâmetros de composicionalidade; ii) analisar como e com que frequência esses parâmetros favorecem (ou não) a composicionalidade dos deverbais em *-nte*; iii) avaliar em que medida nomes em *-nte* podem ser considerados mais ou menos composicionais, nos contextos de uso em que ocorrem, a depender da correlação entre os parâmetros apontados.

Partimos da hipótese de que substantivos podem ser mais composicionais em comparação a adjetivos, devido ao maior grau de transparência semântica em relação ao verbo do qual derivam. Isso se deve, em grande parte, ao fato de que os substantivos deverbais geralmente expressam usos agentivos, ou seja, nomes que caracterizam um referente com base na ação que ele realiza ou provoca, refletindo sobretudo o sentido do verbo-base. Outra razão para essa hipótese, está relacionada à condição de que alguns adjetivos não têm sua base verbal reconhecida no Português Brasileiro. São casos de nomes em que a forma verbal existia apenas no particípio presente latino, não sendo possível recuperar o verbo que lhe serviu de base, como ocorre com *semelhante*, *inteligente*, *valente* e entre outros.

Ainda pressupomos que os adjetivos deverbais em *-nte* parecem ser mais suscetíveis a especializações de sentido advindas do contexto em que são empregados, o que favorece à menor composicionalidade. Isso pode acontecer por meio da negociação de sentidos entre os falantes durante a interação, principalmente, através de processos

sociointeracionais, como a intersubjetividade<sup>1</sup> ou inferência pragmática, e também por mecanismos cognitivos, como projeções conceituais metafóricas e metonímicas.

O aporte teórico adotado neste artigo é o da Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), corrente de estudos linguísticos que tem origem no Funcionalismo norte-americano e incorpora pressupostos da Linguística Cognitiva. Nessa perspectiva, a língua é concebida como uma estrutura maleável, um sistema adaptativo complexo, sensível às pressões do uso. Como destacam Furtado da Cunha e Bispo (2013), as estruturas linguísticas são relativamente instáveis, o que implica que a interdependência entre forma e função seja investigada no texto produzido em situações reais de comunicação. Além disso, fundamentamo-nos na Gramática de Construções, especialmente em Goldberg (1995, 2006), Croft (2001) e Traugott e Trousdale (2013), que descrevem a língua como uma complexa rede de construções inter-relacionadas e organizadas hierarquicamente.

Quanto à metodologia, a pesquisa caracteriza-se como de natureza qualitativa, com suporte quantitativo ao considerar a frequência de uso dos nomes, sendo, ainda, descritivo-explicativa em relação aos objetivos propostos. Foram analisadas 367 ocorrências do português escrito durante o século XX extraídos do *corpus* para a História do Português Brasileiro (CPHPB)<sup>2</sup>.

O artigo está organizado em cinco seções. Esta introdutória, que apresenta o objeto de estudo, os objetivos e os aspectos teórico-metodológicos da pesquisa. A segunda dedica-se à exposição da fundamentação teórica. Em seguida, apresentamos a metodologia, as análises e discussões dos dados investigados. Fechamos o artigo com a seção de considerações finais.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O embasamento teórico deste artigo é a Linguística Funcional Centrada no Uso (LFCU), abordagem funcionalista de estudos da linguagem que articula princípios teórico-metodológicos do funcionalismo norte-americano e da Linguística Cognitiva. Essas vertentes compartilham a visão de que os padrões linguísticos são modelos que se convencionalizam no uso por meio da tríade “linguagem, cognição e ambiente sócio-histórico” (Furtado da Cunha; Bispo, 2013). A interação desses três elementos impulsiona a emergência ou fixação de padrões/estruturas gramaticais pela recorrência de seus usos em ambientes sociodiscursivos específicos.

A LFCU considera que há uma estreita relação entre a codificação linguística e o uso da língua pelos falantes, visto que as estruturas linguísticas são modeladas pelas funções que assumem em determinadas situações de interação. Sob essa perspectiva, é a situação comunicativa que motiva a estrutura gramatical, o que implica o estudo da

---

<sup>1</sup> Traugott e Dasher (2005) definem a intersubjetividade como uma relação interpessoal estabelecida entre um falante e seu interlocutor, enfatizando o cuidado dado à visão que o interlocutor pode criar sobre o mesmo evento de fala.

<sup>2</sup> Disponível em: <https://sites.google.com/site/corporaphpb/home/plataforma-de-corporaphpb?authuser=0>.

língua efetivamente em uso, já que fatores internos ao sistema linguístico são fortemente influenciados por elementos externos. É relevante para a LFCU uma análise que contemple, para além da estrutura linguística, fatores extralinguísticos, tais quais: os participantes do ato comunicativo, seus papéis sociais, o ambiente sociointeracional, bem como os propósitos comunicativos postos em jogo no momento da interação. Nesse quadro, processos que atuam na interação, como a intersubjetividade e as inferências pragmáticas, revelam-se centrais na descrição e análise linguística.

Na LFCU, assume-se que as estruturas linguísticas não são autônomas, mas motivadas, já que, durante a interação, os falantes negociam sentidos entre si, estruturando seus enunciados de modo a atender seus propósitos. Além disso, reforça-se a atuação de aspectos sociais, culturais e cognitivos, importantes mecanismos que também agem na codificação linguística. Logo, para a LFCU, a língua é uma estrutura flexível, dinâmica e suscetível às pressões do uso, ao passo que a gramática de uma língua é composta por alguns padrões aparentemente recorrentes e por outros que surgem advindos das necessidades comunicativas e/ou cognitivas de seus usuários (Bybee, 2010). Nesse cenário, a língua(gem) é uma atividade social, cuja principal função é possibilitar aos falantes a concretização de seus objetivos em situações reais de comunicação.

Conforme Tomasello (1998, p. ix), entendemos a língua(gem) como um “complexo mosaico de atividades comunicativas, cognitivas e sociais”. Nessa visão, a linguagem é multifacetada, constituída de um conjunto de atividades cognitivas, socioculturais e discursivo-pragmáticas que influenciam diretamente a estrutura linguística. A gramática, por seu turno, é considerada um construto “emergente” Hopper (1987), isto é, um sistema aberto, heterogêneo e adaptativo, constantemente modificado pelas demandas do uso. Por consequência, os padrões linguísticos não são completamente estáveis ou fixos, mas emergem da rotinização e frequência de seus usos em contextos específicos, razão pela qual a gramática pode ser concebida em termos de “organização cognitiva de experiências com a língua” (Bybee, 2016, p. 28).

Ainda no que se refere aos pressupostos teórico-metodológicos da LFCU, Bispo e Lopes (2022) elencam alguns postulados, dentre os quais destacamos a ideia de que léxico e gramática se situam em um *continuum* e não há rígida separação entre eles, assim como a noção de que a maleabilidade da língua implica gradiência e gradualidade de todas as suas categorias, em todos os níveis, propriedades relacionadas aos processos de variação e mudança, respectivamente, a que as línguas estão sujeitas.

Como mencionado no início desta seção, a LFCU partilha alguns conceitos e categorias com a Linguística Cognitiva, sobretudo, a concepção de que o comportamento linguístico reflete nossa percepção de mundo, as experiências vividas e o conhecimento adquirido via interação. Nas palavras de Bybee (2016), as categorias linguísticas refletem, em alguma medida, nossas categorias conceptuais. Dito de outra maneira, o modo como o conhecimento sobre o mundo está organizado cognitivamente é a base para a estruturação das categorias linguísticas, de modo tal que subjazem à estrutura linguística processos cognitivos que atuam também em outras habilidades gerais da nossa cognição. Nesse sentido, torna-se relevante incorporar os processos

cognitivos de domínio geral à investigação dos usos da língua, como os mapeamentos conceptuais, que podem gerar novos sentidos para estruturas já existentes - seja por meio de projeções metafóricas (entre domínios distintos), seja por meio de projeções metonímicas (entre entidades de um mesmo domínio).

A Gramática de Construções, doravante (GC), é um modelo teórico tomado da Linguística Cognitiva (Goldberg, 1995; Bybee, 2016; Croft, 2001; Traugott; Trousdale, 2013; Tomasello, 1998) que tem contribuído de forma significativa para descrição e análise de fenômenos linguísticos. Essa abordagem parte do conceito de construção, entendida como a unidade básica da gramática. Goldberg (1995, 2006) define construções como pareamentos convencionalizados de forma e função, arranjados em variados níveis de complexidade e abstração. Assim, a gramática de uma língua configura-se como um amplo repertório de construções hierarquicamente organizadas (Traugott; Trousdale, 2013; Hilpert, 2014; Diessel, 2019). As construções diferenciam-se entre si por tamanho, nível de especificação e tipo de conteúdo que veiculam. No modelo proposto por Croft (2001), o polo da forma de uma construção envolve propriedades fonológicas, morfológicas e sintáticas, enquanto a função abrange propriedades semânticas, pragmáticas e discursivo-funcionais, que devem ser analisadas em conjunto.

A GC defende ainda a existência de um *continuum* entre o léxico e a gramática, de modo que não há fronteiras rígidas entre essas categorias. Assim, elementos lexicais podem assumir funções gramaticais, ao passo que itens gramaticais podem adquirir novas funções lexicais a partir do uso. Existem, portanto, construções mais lexicais e construções gramaticais, assim como construções que se encontram no meio desse *continuum* entre léxico e gramática.

Esse amplo repertório organiza-se em formato de uma rede. Cada construção representa um nó na rede e construções ligam-se umas às outras por elos (links) que captam relações de instanciação, polissemia, extensão metafórica e semelhanças formais (subparte). Como os usos linguísticos são dinâmicos, a rede construcional está em constante mudança, incorporando novos nós e elos ao sistema, assim como reconfigurando-se em função de mudanças construcionais na forma ou na função das construções já existentes. As redes construcionais tentam representar o modo como parte do nosso conhecimento linguístico se organiza e são moldadas/contingenciadas por motivações sociointeracionais, culturais e cognitivas, a que se deve a rotinização e convencionalização de padrões linguísticos.

Segundo Traugott e Trousdale (2013), as construções de uma língua podem ser descritas e diferenciadas a partir de três propriedades: *esquematicidade*, *produtividade* e *composicionalidade*, definidas nos parágrafos seguintes.

A esquematicidade refere-se ao fato de que construções podem ser representadas por esquemas, isto é, generalizações criadas pelos usuários da língua sobre padrões recorrentemente mobilizados em situações comunicativas. Para Traugott e Trousdale (2013), tais esquemas constituem abstrações que agrupam construções inter-relacionadas dentro da rede construcional. Alguns deles apresentam *slots* (espaços vazios), que podem ser preenchidos por unidades lexicais ou por outras construções, o que revela diferentes

níveis de abstração e de (in)especificidade. Quanto maior o número de *slots* de uma construção, mais esquemática ela é. Esquemas construcionais organizam-se e se relacionam de forma hierárquica, níveis superiores de esquematicidade representam nível maior de abstração e generalidade, enquanto níveis inferiores representam menor abstração e generalidade. Assim, podemos falar em esquemas, subesquemas e microconstruções, em um nível decrescente de esquematicidade. A título de ilustração, o esquema  $[[X]_V -nte]_N$  capta o fato de que uma parte da construção não é especificada e pode ser preenchida por algum elemento da categoria verbo, enquanto outra parte é fixa e já definida: o sufixo *-nte*. Essa construção é, portanto, semiespecificada.

Já a produtividade diz respeito à capacidade de um esquema gerar novas instâncias. Bybee (2016, p. 154) enfatiza que ela é vista como “a probabilidade de que uma construção se aplicará a um novo item”. Assim, essa propriedade indica em que medida um esquema pode se expandir e relacionar-se com outros itens ou construções, assumindo novas funções. Uma construção é considerada produtiva quando seu esquema passa a licenciar, de modo crescente, outras construções menos esquemáticas, ampliando seu número de instâncias. Em outras palavras, quanto mais abertos forem os *slots* de um esquema, maior a variedade de itens e categorias que ele pode acolher. Himmelman (2004) denomina esse processo de expansão da classe hospedeira. A produtividade pode ser mensurada conforme Bybee (2016), por meio da frequência *type*, ou seja, pelo número de tipos distintos que um mesmo esquema pode licenciar. Desse modo, construções mais abertas tendem a ser altamente produtivas, enquanto as mais restritas apresentam produtividade limitada, o que confirma seu caráter gradiente. Cordeiro (2021) atesta a produtividade da construção aqui analisada observando que há, pelo menos, 416 *types* de nomes em *-nte*.

Com relação à última propriedade, a composicionalidade corresponde ao grau de transparência ou opacidade entre forma e função. Construções mais composicionais têm significados previsíveis a partir de seus constituintes, já as menos composicionais exibem sentidos mais opacos, que não derivam diretamente da soma das partes do esquema. Assim como as demais propriedades, a composicionalidade é gradiente, podendo variar entre maior ou menor previsibilidade. Na construção em estudo, a composicionalidade pode ser vista pela compatibilidade (ou não) entre a semântica do verbo que serve de base para o nome e os sentidos que este nome pode desenvolver nos mais diversos contextos de uso, bem como pela capacidade do falante conseguir reconhecer, no item lexical, um lexema verbal, isto é, pela capacidade de segmentar o vocábulo. Podemos pensar, portanto, *denunciante* como uma ocorrência mais composicional, já que significa “aquele que fez/faz uma denúncia, que denuncia”, enquanto *inteligente* seria menos composicional já que não se pode reconhecer, a priori, em um verbo como base e um significado que esteja diretamente vinculado à respectiva base.

Deve-se ressaltar que as propriedades de esquematicidade, produtividade e composicionalidade não devem ser pensadas de modo binário, uma vez que são propriedades gradientes, conforme alertam Traugott e Trousdale (2013). Desse modo, propõe-se pensá-las como um *continuum*, que vai de um maior a um menor grau de cada

uma dessas dimensões, o que implica ainda níveis intermediários, de modo que diferentes construções podem apresentar níveis variados de esquematicidade, de produtividade e de composicionalidade. Em outras palavras, construções podem ser mais esquemáticas, esquemáticas, menos esquemáticas ou não esquemáticas, o que também é válido para a produtividade e para a composicionalidade. A propósito, é a premissa de que há gradiência na composicionalidade de construções é o que motiva a pesquisa apresentada neste artigo, pois buscamos explicar quais motivações subjazem tal gradiência em termos formais e funcionais para o caso da construção X-NTE.

Finalizada a exposição do arcabouço teórico que fundamenta o trabalho, apresentamos os aspectos metodológicos da pesquisa na seção seguinte.

### 3 ASPECTOS METODÓLOGICOS

Nesta seção, apresentamos a caracterização da pesquisa quanto à metodologia adotada, ao tipo de pesquisa, à constituição do *corpus*, ao universo de dados considerados e aos procedimentos de análise.

Como uma pesquisa de orientação funcionalista, a presente investigação orienta-se pelo raciocínio de natureza indutiva, em que partimos da observação do que é mais particular para o mais geral. Isso significa que o ponto de partida é a análise de usos específicos da língua, nesse caso, do fenômeno em foco, para a partir deles, alcançar generalizações mais amplas sobre o comportamento linguístico investigado.

Nesse sentido, apoiamo-nos em uma abordagem qualitativa já que o estudo se volta à análise e interpretação das propriedades formais e funcionais do objeto investigado, observadas em suas instâncias reais de uso na sociedade. Além disso, esta pesquisa também apresenta um suporte quantitativo, relacionado à frequência de uso e à produtividade da construção, bem como à incidência dos parâmetros de composicionalidade sobre suas instâncias de uso. Quanto aos objetivos delineados, definimos a pesquisa como descritivo-explicativa, pois não se limita somente à descrição de um dado fenômeno linguístico, mas também à identificação dos fatores e mecanismos que contribuem para sua ocorrência. Nessa direção, procura-se compreender as motivações subjacentes à recorrência de usos desses nomes, especialmente aquelas que se relacionam diretamente à sua composicionalidade.

Enfatiza-se, ainda, o caráter empírico da pesquisa, ao priorizar instâncias concretas da língua em uso, originadas na interação entre falantes e representadas por amostras produzidas em determinado período histórico, o que ressalta sua natureza amostral.

Para investigação, utilizamos um banco de dados do *Corpus* para a História do Português Brasileiro (PHPB). As amostras analisadas foram compiladas por Cordeiro (2021), e são compostas por diversos gêneros textuais, tais como: cartas, anúncios de jornais, documentos oficiais, e outros manuscritos produzidos entre a primeira e a segunda metade do século XX. Assim, o universo de dados compreendeu 367 ocorrências dos nomes deverbais em *-nte*, das quais 148 eram substantivos e 219 eram adjetivos.

Após a quantificação dos dados, houve a tabulação em planilha, em que os construtos foram organizados em ordem alfabética e classificados de acordo com a frequência de *tokens* (cada instância de nome deverbal em *-nte*) e frequência *types* (cada tipo diferente de nome em *-nte*: *estudante*, *diferente*, *abundante* etc). A tabela 1, a seguir, resume esses dados quantitativamente:

**Tabela 1:** Frequências *token* e *type* de nomes em *-nte* por categorial gramatical no *corpus*

	Frequência <i>Token</i>	(%)	Frequência <i>Type</i>	(%)
<b>Substantivos</b>	148	<b>40,33</b>	48	<b>35,82</b>
<b>Adjetivos</b>	219	<b>59,67</b>	86	<b>64,18</b>
<b>TOTAL</b>	<b>367</b>	<b>100</b>	<b>134</b>	<b>100</b>

Fonte Souza; Cordeiro (2024)

Conforme mostra a tabela, parece haver uma preferência no uso de nomes em *-nte* como adjetivos, evidenciada pela frequência *token*, que chega a 60% das ocorrências, em comparação com os substantivos, apenas 40%.

Isso pode indicar que os adjetivos são mais produtivos do que os substantivos, possivelmente devido à proximidade entre as categorias de particípio e de adjetivo, ambas ocupando uma posição intermediária no *continuum* entre as categorias lexicais de nome e verbo (Cordeiro, 2021). Quanto à frequência *type*, os dados também exibem uma alta produtividade de adjetivos em relação aos substantivos. Os construtos adjetivos representam um pouco mais de 64% dos *types* encontrados no *corpus*, enquanto os substantivos, um pouco menos de 36%. Os números demonstram que a frequência de usos de itens formados por essa construção pode contribuir para o aumento da frequência *type*, ou seja, a recorrência de usos desses nomes pode impulsionar a emergência de novos tipos.

Isso posto, para a realização das análises, baseamo-nos em alguns parâmetros propostos por Cordeiro (2021) em sua tese de doutorado. Neste trabalho, o autor defende a existência de quatro fatores capazes de influenciar na composicionalidade dos nomes em *-nte*, sendo eles: i) a analisabilidade, que diz respeito à capacidade analítica que o falante tem de reconhecer as partes constitutivas das palavras e sua organização interna (Bybee, 2016); ii) a herança (ou não) da moldura sintático-semântica do verbo-base; iii) a correspondência de sentido entre a base verbal e o sentido da palavra derivada no uso; e iv) a especialização do sentido de um dado item em um determinado contexto. Nesse sentido, tomamos como categorias de análise a investigação dos referidos fatores que, por contemplarem algumas propriedades significativas dessa construção, podem permitir-nos descrever em que medida uma instância de uso é tida como mais ou menos composicional em relação aos contextos de uso em que é usada.

#### 4 ANÁLISE E DISCURSÃO DOS RESULTADOS

Como exposto anteriormente, analisamos, nesta seção, o grau de composicionalidade dos nomes em *-nte*. Inicialmente tratamos a composicionalidade como uma noção gradiente e escalar, ou seja, consideramos que as instâncias de uso dessa construção situam-se em um *continuum* entre usos mais e menos composicionais.

Nessa perspectiva, investigamos de que maneira fatores formais e funcionais podem determinar a composicionalidade desses nomes, os quais foram representados por quatro parâmetros analíticos: os dois primeiros relacionados às propriedades formais e os dois últimos às propriedades funcionais. Esses parâmetros nos auxiliam na identificação do grau de composicionalidade, isto é, em que medida, em suas instâncias de uso, a construção nominalizadora *X-nte* apresenta um grau maior, menor ou, ainda, intermediário de composicionalidade, conforme a inter-relação desses parâmetros no uso.

A analisabilidade é o primeiro parâmetro considerado, a qual é definida, segundo Langacker (1987 *apud* Bybee, 2016, p. 80), como “o reconhecimento da contribuição que cada componente dá à conceitualização composta”. Assim, entende-se que a analisabilidade diz respeito ao reconhecimento que os usuários da língua fazem sobre as partes componentes das palavras, sua estrutura morfossintática, bem como a contribuição que cada parte oferece para com o significado do todo.

Embora os conceitos de composicionalidade e analisabilidade estejam relacionados, ambos se diferem, quanto ao foco, enquanto a primeira examina até que ponto o significado do todo é previsível pela combinação de suas partes, a segunda trata do reconhecimento dessas partes componentes pelo falante. No caso da construção em estudo, ser analisável ou não está relacionado à capacidade do falante de identificar as partes que a compõem (uma base verbal e o sufixo *-nte*). Quanto maior a possibilidade de reconhecimento dessas partes, mais analisável, e conseqüentemente, mais composicional a estrutura tende a ser. Vejamos algumas ocorrências adiante:

(3) UFRJ É **impressionante** o descaso a que somos submetidos, nós, alunos da Universidade Federal do Rio de Janeiro. (CPHPB, Séc. XX)

(4) Todos os problemas da educação nacional encontram no magistério o seu “bode expiatório” principal: os mestres não têm preparo suficiente, são **displicentes**, não evoluem, não se interessam pelos alunos e seus problemas, não querem trabalhar mais do que o necessário, não são didatas e coisas assim. (CPHPB, Séc. XX)

As ocorrências (3) e (4) ilustram, respectivamente, o uso dos adjetivos *impressionante* e *displicentes*. Observa-se, contudo, que o falante tende a reconhecer com maior facilidade o verbo que serve de base para *impressionante*, em (3), quando comparado com *displicentes* em (4), cuja base verbal não é tão prontamente reconhecível. Convém destacar que alguns construtos apresentam lexemas verbais que já não possuem equivalentes no português contemporâneo, o que contribui para que certos itens sejam

menos analisáveis, uma vez que seu significado só pode ser apreendido pelo todo. Com base nisso, argumentamos que o uso de *impressionante* é mais composicional, em termos de analisabilidade, do que *displícites*, por ser mais transparente em relação aos seus constituintes.

O segundo parâmetro que pode influenciar a composicionalidade é a herança, através do construto, da moldura sintático-semântica do verbo-base. Esse aspecto é relevante, pois evidencia em que medida o nome em uso mantém transparência em relação a uma de suas partes componentes (a base verbal), preservando suas propriedades sintático-semânticas. Em nosso *corpus* de análise, identificamos verbos transitivos e intransitivos ocupando o *slot* verbal da construção. Nesse caso, consideramos que, quando um substantivo ou adjetivo é originado de uma base verbal transitiva, mas não preserva a estrutura argumental do respectivo verbo em seu uso, ocorre uma perda de composicionalidade. As ocorrências, a seguir, exemplificam esses casos:

(5) Não se sabia qual era a política científica e tecnológica do país, nem muito menos dava-se ouvido a vozes **discordantes** das decisões dos poderosos do momento ( ). (CPHPB, Séc. XX)

(6) Quando se chama o **gerente** para providenciar o empacotamento, ele só falta dizer que quem deve empacotar é o consumidor. (...) O problema só existe nos bairros onde a “plebe” se concentra. Na área da grã-finagem não existe essa pouca vergonha. (CPHPB, Séc. XX)

Nos dados acima, observam-se nomes formados a partir de bases verbais transitivas, que a princípio, demandam complemento. Em (5) e (6), temos o uso de *discordantes* e *gerente*, formados, respectivamente, pelas bases verbais *discordar* e *gerir*. Na primeira ocorrência, nota-se que o adjetivo *discordantes* mantém a transitividade do verbo-base, uma vez que o falante emprega a estrutura sintático-semântica herdada de *discordar*, em que “*das decisões dos poderosos do momento*”, funciona como complemento nominal, correspondente ao objeto do verbo em um sintagma verbal equivalente. O mesmo não ocorre em (6), em que o substantivo *gerente* não reflete, no contexto de uso, o complemento exigido pelo verbo *gerir*, ou seja, o falante não explicita o que é gerido. Assim, o uso de *discordantes* em (5), revela-se mais composicional do que o uso de *gerente*, em (6), devido à correspondência preservada entre a moldura sintático-semântica do adjetivo e da base-verbal, evidenciada pela presença do complemento nominal.

Como terceiro parâmetro de composicionalidade, destacamos a correspondência semântica entre a base verbal e o nome derivado em seus contextos de uso. Esse parâmetro é importante, pois, em determinadas ocorrências, o sentido do substantivo ou do adjetivo afasta-se da semântica verbal, resultando em maior opacidade no pareamento entre forma e função. Nesses casos, processos sociointeracionais, como a (inter)subjetividade, e projeções conceptuais, especialmente metafóricas, podem promover extensões semânticas para os construtos em uso. Sob essa perspectiva, compreendemos que usos em que o significado do substantivo ou do adjetivo se desvia

totalmente da semântica do verbo base, são menos composicionais do que aqueles em que essa correspondência ainda existe. Vejamos as ocorrências abaixo:

(7) Traficantes apontam policiais da Divisão de Repressão e **Entorpecentes** como associados a Parazão. (CPHPB, Séc. XX)

(8) Mas o raciocínio vae um pouco mais longe e entende que todos os meios são legitimos O primeiro desses recursos, o mais facil, o que depende de um decreto e de algumas voltas das machinas de impressão, e o de emitir papel moeda. Faz-se então a defesa **ardente** das emissões. (CPHPB, Séc. XX)

Os exemplos apresentados em (7) e (8) exibem diferentes graus de composicionalidade quanto ao uso do substantivo *entorpecentes* e do adjetivo *ardente*. Na ocorrência em (7), observamos um uso mais composicional da construção, pois o sentido de *entorpecentes* é compatível com a semântica do seu verbo-base, *entorpecer*. Tal correspondência é reforçada pelo contexto que faz referência a uma divisão policial responsável pela repressão ao tráfico e à apreensão de substâncias que causam entorpecimento. Em contraste, em (8), o uso de *ardente* é metafórico e, portanto, menos composicional. Nesse contexto, o sentido do adjetivo não se relaciona à ação concreta de “arder”, “queimar”, mas é utilizado para expressar um estado de *entusiasmo ou intensidade*, conceitos mais abstratos e subjetivos. Essa abstração é intensificada pelo fato de *ardente* funcionar como modificador do nome *defesa*, também pertencente a um campo conceitual abstrato.

Como quarto e último parâmetro, apontamos a especialização de sentido de alguns itens lexicais em determinados contextos. Percebemos que, em certas situações, a semântica do nome se expande, passando a assumir outros sentidos. Esses novos sentidos se estabelecem pela influência de processos como a intersubjetividade e a inferenciação pragmática. Com o tempo, tais sentidos tornam-se recorrentes e acabam sendo incorporados à semântica dos nomes por meio de negociação intersubjetiva. Esse fato pode levar um item a ser menos composicional em comparação com outro cuja relação semântica entre o construto e a base verbal permanece mais transparente.

(9) É uma faculdade dinâmica, **competente** e séria, que luta por conservar seu excelente padrão de qualidade, apesar das sistemáticas campanhas contra o ensino universitário público, como demonstra o “Duplo espanto”. (...) (CPHPB, Séc. XX)

(10) Hoje os meus **imprudentes** partidarios evocam a sombra de Romariz: eu era governo quando elle foi assassinado. Já muito antes, no Imperio, eu achara bellos phraseados para justificar aquella atrocidade, o assassinato de Apulchro de Castro. (CPHPB, Séc. XX)

(11) Onde estão normalmente esses funcionários? Em serviços burocráticos, ou em folgas inaceitáveis? É preciso fazer esse enorme **contingente** produzir melhor. (CPHPB, Séc. XX)

Nas ocorrências de (9) a (11), selecionamos alguns casos em que itens lexicais apresentam sentidos especializados pela recorrência de seus usos em contextos específicos. Em (9) e (10), temos o uso dos adjetivos *competente* e *imprudentes*, que exemplificam como um nome pode adquirir valores avaliativos, positivos ou negativos, por meio da negociação intersubjetiva entre falante e interlocutor. No contexto de (9), o uso de *competente* assume contornos avaliativos, uma vez que a faculdade é descrita como uma instituição de alta qualidade. Assim, junto a adjetivos como “*dinâmica*” e “*séria*”, *competente* deixa de se vincular apenas à ideia de responsabilidade, relacionada à base verbal *competir*, e passa a funcionar como uma qualificação que realça a excelência da instituição.

De modo semelhante, *imprudentes*, em (10), adquire sentido mais específico, sendo empregado para indicar uma avaliação negativa dos referentes. Finalmente, o uso de *contingente* em (11) tem origem no latim “*contingere*”, cujo significado era “tocar”, “atingir” ou “caber em”. Contudo, quando empregado como substantivo, no português, o nome assume um sentido já um pouco diferente daquele de sua origem verbal. Em nossa visão, este nome é especializado semanticamente já que é utilizado para expressar uma determinação quantitativa, como enfatiza o contexto da ocorrência, ao referir-se aos funcionários, como, *enorme contingente*, isto é, um grande número de funcionários.

Dessa forma, casos como os expostos, em que o sentido dos substantivos e adjetivos emergem pragmaticamente e, em seguida, se consolidam semanticamente, configuram-se como menos composicionais em comparação com aqueles cujos sentidos permanecem mais próximos da semântica verbal.

Após a análise dos dados, apresentamos, a seguir, a tabela 2, que sintetiza quantitativamente a recorrência dos parâmetros de composicionalidade examinados no artigo.

**Tabela 2:** Recorrência dos parâmetros de composicionalidade sobre substantivos e adjetivos

	P1	P2	P3	P4
+ Comp.	121	45	133	125
<b>Substantivos</b> - Comp.	27	103	15	23
+ Comp.	114	89	192	179
<b>Adjetivos</b> - Comp.	105	130	27	40

Fonte Souza; Cordeiro (2024)

Os números apresentados na tabela 2 revelam a recorrência dos parâmetros analisados em relação às categorias de substantivos e adjetivos. No que se refere ao

primeiro parâmetro (analisabilidade), notamos que os substantivos demonstraram ser mais composicionais que os adjetivos, já que quase metade destes últimos, exibiram menor composicionalidade neste parâmetro. Essa diferença pode estar relacionada ao fato de que alguns construtos adjetivais não apresentam bases verbais reconhecidas no português contemporâneo, pois derivam diretamente do particípio presente latino, categoria verbo-nominal que possuía propriedades tanto verbais quanto adjetivais. Com o passar do tempo, tais formas consolidaram-se no uso como adjetivos, perdendo gradualmente as propriedades do verbo original do qual são derivados.

Quanto ao segundo parâmetro, referente à herança (ou não) da valência verbal pela construção, verificamos que os substantivos e adjetivos apresentaram resultados semelhantes. Em ambos os casos, a maioria dos nomes em *-nte* tende a não preservar a herança da moldura sintático-semântica dos seus verbos-base, o que, em alguns contextos, é ocasionado por motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas. A ausência do argumento interno requerido pelo verbo, comumente realizado como complemento nominal, não implica, contudo, uma perda total da valência desses nomes, visto que, em diferentes contextos, o complemento pode ser realizado ou omitido, dependendo dos propósitos comunicativos do falante ou, ainda, do nível de informatividade do termo dentro do contexto. Além disso, compreendemos que, na transição de uma categoria gramatical para outra, neste caso a de verbo para nome, certos ajustes formais são necessários, o que pode resultar na não preservação completa da moldura sintático-semântica da base-verbal, em alguns contextos de uso, conforme destaca Camacho (2011).

Por fim, concernente ao terceiro e quarto parâmetro, observamos que, quanto à correspondência semântica, a maioria dos nomes ainda mantém uma relação de sentido com seus verbos de origem. Entretanto, em algumas ocorrências, identificamos uma influência de projeções conceptuais metafóricas e metonímicas na extensão semântica dessa construção, o que é posteriormente discutido e exemplificado. No tocante à especialização semântica originada da negociação intersubjetiva ou de inferenciação pragmática, constatamos que ela se mostrou mais frequente na categoria dos adjetivos, que dos substantivos, o que corrobora nossa hipótese de que os adjetivos são mais propensos à especialização de sentido. Todavia, de modo geral, esse parâmetro ainda apresentou um número relativamente baixo em comparação aos casos em que essa especialização não ocorreu.

Como citado previamente, a influência de alguns mecanismos cognitivos, particularmente as projeções conceptuais, pode promover o surgimento de novos sentidos para os substantivos e adjetivos em *-nte*, em seus contextos de uso. Nas ocorrências de (12) a (15) a seguir, apresentamos alguns dados para análise:

(12) De um nosso leitor, o senhor Sady Ferreira Pires, recebemos as seguintes sensatas considerações a propósito dos comentários que ha dias fizemos sobre este **palpitante** assunto: (CPHPB, Séc. XX)

(13) Quanto a **eletrizante** aventura de caçada de um urso contada pelo sr. João Borges, os incautos certamente devem ter ficado arrepiados com a ousadia desse Jim das selvas tupiniquim. (CPHPB, Séc. XX)

(14) Quantos PMs foram feridos? “Os **assaltantes** são violentos”, diz o Secretário, “saem atirando. A polícia tem de reagir, tem de tomar providências. (CPHPB, Séc. XX)

(15) Primeiro, a de que os esclarecimentos técnicos prestados na época por alguns **fabricantes** não convenciam, pois não falavam do controle de qualidade e das técnicas de esterilização do produto terminado, condições para esse tipo de material. (CPHPB, Séc. XX)

Como destacado nas ocorrências mencionadas em nosso *corpus* de análise, encontramos usos em que o sentido dos nomes se distancia da semântica de seus verbos de origem para expressarem ideias mais abstratas. Os exemplos em (12) e (13) revelam esses casos, em que os adjetivos *palpitante* e *eletrizante* deixam de se referir às ações concretas denotadas por seus verbos-base e passam a serem usados metaforicamente dentro dos seus contextos de uso. Na primeira ocorrência, podemos notar que o uso de *palpitante* é resultado de uma projeção metafórica, já que o foco não está na realização da ação de palpitar, mas sim na caracterização do “assunto” como algo que desperta *interesse* ou causa *empolgação*. Essas noções, embora abstratas, são compreendidas por meio de um conceito concreto e físico, que é a ação de palpação. Um caso semelhante pode ser observado em *eletrizante*, uma vez que o efeito de aplicar uma corrente elétrica sobre algo é usado para transmitir ideias como *euforia*, *excitação*, ou até mesmo “*sensação de adrenalina*” gerada em determinadas situações, como, por exemplo, na descrição da ocorrência em análise, que relata a *aventura de caçada de um urso*.

Em relação às projeções metonímicas, também selecionamos algumas amostras que evidenciam como entidades de um mesmo domínio cognitivo podem ser mobilizadas para acessar outras dentro desse mesmo domínio. Isso se manifesta, especialmente, nos substantivos em *-nte*, em sua maioria agentivos, nos quais a metonímia “o todo pela parte” desempenha papel crucial na atribuição de sentido. A construção nominalizadora *X-nte* possibilita uma perspectivação do evento predicado pela base verbal, podendo ressaltar um elemento específico da moldura sintático-semântica, nesse caso, o agente da ação verbal. As ocorrências expostas em (14) e (15) ilustram esse processo, ao apresentarem o uso de *assaltantes* e *fabricantes*, cujos sentidos remetem aos agentes que realizam as ações de assaltar e fabricar, respectivamente.

Nos exemplos mencionados, observamos que o foco do falante não recai sobre o evento descrito pelo verbo, mas sobre um de seus participantes, de modo que a ação é compreendida como pano de fundo da predicação. Nesses casos, ocorre um mapeamento metonímico, em que o todo (o evento verbal), é acessado por meio de uma de suas partes, (o agente). Assim, entendemos que a construção permite perspectivar a eventualidade verbal conforme as intenções comunicativas do falante e do contexto de produção. Além disso, como observado nos exemplos de *palpitante* e *eletrizante*, a construção pode também perspectivar o efeito resultante da ação verbal, que é

apresentado com um aspecto durativo, ou seja, como um estado contínuo decorrente do evento de origem.

Diante desses casos, concluímos que as projeções conceptuais possibilitam a emergência de novos sentidos para os nomes em *-nte*, seja por meio do mapeamento entre diferentes domínios cognitivos (metáfora) ou dentro de mesmo domínio conceitual (metonímia).

Encerrada a discussão sobre a influência das projeções metafóricas e metonímicas na semântica da construção analisada, direcionamos nossa atenção para o que denominamos *continuum* de composicionalidade. Essa noção baseia-se na ideia de que a composicionalidade não constitui um aspecto categórico, discreto, mas que é resultante tanto da atuação dos parâmetros anteriormente discutidos, quanto da influência do contexto em que a construção é utilizada.

Assim, a partir dos quatro parâmetros analisados, exibiremos a seguir como as ocorrências de adjetivos e substantivos em *-nte* podem apresentar diferentes graus de composicionalidade.

(16) Alegam os **simpatizantes** do projeto que o atual subsidio não foi fixado pelo Congresso e a Constituição declara que o deve ser por ele. (CPHPB, Séc. XX)

(17) Diz ainda a Diretora da Escola Ana Néri que a carreira não começa como **servente**, mas que se um **servente** quiser estudar, usando de um direito que existe numa democracia, terá que obter legalmente o grau correspondente aos estudos feitos. (CPHPB, Séc. XX)

Em (16) e (17), os substantivos *simpatizantes* e *servente* revelam maior grau de composicionalidade. Na primeira ocorrência, *simpatizantes* é considerado um substantivo analisável, pois é possível identificar uma base verbal à qual foi acrescida o sufixo *-nte*; nota-se, também, que o nome carrega a herança da moldura sintático-semântica do verbo, ao conservar o argumento interno: *o projeto*, que corresponde ao complemento nominal exigido por *simpatizar*. Além disso, há correspondência de sentido entre a base verbal e o substantivo, o que indica que o construto não apresenta especialização pragmática, mas reflete o sentido literal de seus constituintes.

Um caso parecido foi identificado na análise de *servente* em (17). O substantivo é analisável, uma vez que a base verbal *servir* é facilmente reconhecível. Em termos de transparência sintático-semântica, há uma correspondência semântica entre o verbo e o substantivo derivado, mas não uma correspondência sintática, pois, embora o substantivo se refira a alguém que serve, ele não especifica o argumento interno requerido pelo verbo, ou seja, a quem se serve. Por fim, constatamos não haver um sentido pragmaticamente estabelecido para o substantivo nessa ocorrência.

Desse modo, pode-se afirmar que casos como os de (16) e (17) apresentam maior grau de composicionalidade. Mesmo que o uso de *servente* indique menor composicionalidade quanto à herança sintático-semântica do verbo, o nome ainda é

visto como mais composicional devido aos outros três parâmetros. Seguem as ocorrências (18), (19) e (20) para análise.

(18) A população, , em Porto Alegre ou no Rio, não quer ser envolvida em batalhas urbanas, em que só esteja em causa a correlação de forças. **Carente** de princípios, a polícia apenas atrai os que gostam de praticar a violência sob a chancela da manutenção da ordem. E, nesse caso, as estatísticas podem ser, mais do que nunca, enganadoras. (CPHPB, Séc. XX)

(19) COM OS CORREIOS De um nosso **assinante** em Diamante Estado de Minas recebemos a seguinte carta: Sr. Redator: Desde o dia 26 do corrente (terça-feira) que os **assinantes** nesta localidade não recebem o jornal (CPHPB, Séc. XX)

(20) Os cruzamentos com a Avenida Rodrigues Alves, na direção do Centro para Niterói, os subúrbios da Zona Norte e a Baixada Fluminense, viram um campo de batalha, onde triunfam os mais fortes (e mais pesados), tornando a volta para casa uma rotina **desgastante** e perigosa. (CPHPB, Séc. XX)

Nos dados acima, podemos constatar uma composicionalidade menor, em comparação às ocorrências (16) e (17) anteriormente apresentadas. No uso do adjetivo *carente*, em (18), percebemos não haver uma transparência tão perceptível com relação à base verbal, *carecer*, já que, durante o processo de derivação, seu radical sofreu alterações. No entanto, ao examinarmos a estrutura sintático-semântica do verbo e o uso do adjetivo no contexto, observamos a presença do complemento nominal, que é exigido como argumento interno do verbo. Uma vez que o falante caracteriza o referente *polícia* como *Carente de princípios*. Também percebemos uma correlação semântica entre a base verbal e o nome dela derivado, já que o adjetivo indica a ausência de algo. Todavia, essa falta não se refere a algo concreto ou literal. Isso pode estar ligado ao quarto parâmetro, visto que, neste uso, o termo se refere à *carência de valores morais ou éticos*, um sentido que é estabelecido pragmaticamente pelo contexto, tornando o construto mais especializado e menos composicional. Logo, compreendemos que se trata de um caso de composicionalidade intermediária, a qual também se observa na ocorrência de *assinante* em (19).

Nesse excerto, é possível reconhecer a base verbal, *assinar*, o que confere um grau maior de analisabilidade. Porém, quanto à estrutura sintático-semântica, o nome mostra menor composicionalidade, pois não inclui o argumento interno requerido pelo verbo, ou seja, o elemento que foi *assinado*. Quanto à correspondência semântica, ainda podemos observá-la, já que o cliente deve ter assinado algum contrato para receber edições diárias do jornal em sua residência. Ainda assim, enfatizamos que há uma especialização de sentido, uma vez que o substantivo *assinante* é usado para se referir a alguém que adquiriu um serviço, e não mais ao simples ato de assinar algo, como um abaixo-assinado por exemplo.

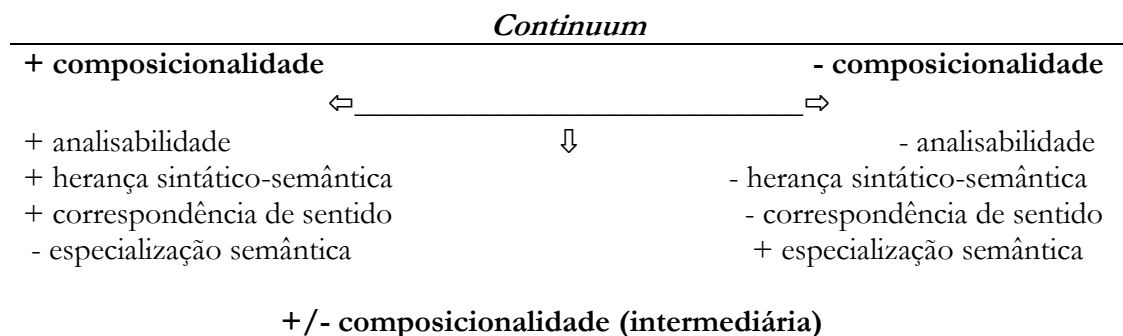
Por último, analisamos o uso do adjetivo *desgastante* na ocorrência em (20), que revela um grau significativamente mais baixo de composicionalidade, com relação a todas as ocorrências apresentadas até agora.

O uso de *desgastante*, nesse contexto, é analisável, pois reconhecemos, facilmente, seu verbo-base, *desgastar*. Entretanto, quando consideramos os outros parâmetros, percebemos um nível acentuado de menor composicionalidade. O adjetivo exibe menor transparência sintático-semântica em relação à sua base verbal, não apresentando argumento interno, nem demonstrando correspondência semântica com o verbo. Isso é perceptível porque o contexto se refere a um desgaste que não é literal, isto é, não diz respeito a algo que está sendo fisicamente consumido. Esse sentido se instaura pragmaticamente, pois a rotina de volta para casa, *causa desgaste*, (sentido conotativo) referindo-se a um trajeto, que em decorrência do trânsito, torna-se *cansativo* e *exaustivo*.

Dessa forma, mostramos como os quatro parâmetros de composicionalidade são relevantes para definir os usos de um *continuum* da construção X-nte, por meio da correlação desses fatores no uso dos substantivos e adjetivos analisados.

O diagrama 1 ilustra o *continuum* de composicionalidade, no qual os itens lexicais instanciados pela construção se distribuem, refletindo usos com maior e menor grau de composicionalidade. Os usos mais composicionais são identificados por traços como: maior analisabilidade, maior herança da estrutura sintático-semântica, maior correspondência de sentido entre a base verbal e o nome derivado e menor especialização semântica. Por outro lado, usos menos composicionais são aqueles que apresentam, menor analisabilidade, menor herança da estrutura sintático-semântica, menor correspondência de sentido e uma maior especialização semântica. Entre esses dois polos, situa-se o que chamamos de *composicionalidade intermediária*, que não está representada no diagrama, pois resulta das diversas combinações entre dois traços (parâmetros), quaisquer que sejam eles.

**Diagrama 1:** *Continuum* de composicionalidade



Fonte: Souza; Cordeiro (2024)

Uma vez estabelecido o *continuum*, direcionamos nossa atenção para os dados com o intuito de contabilizar, a partir dos contextos de uso, quais instâncias seriam marcadas como mais composicionais, como menos composicionais, e, também, os casos que se situam na esteira da composicionalidade intermediária. A tabela 3 apresenta os resultados obtidos:

**Tabela 3:** Distribuição dos nomes em -nte no *continuum* de composicionalidade

	+ Composicional	+/- Composicional	- Composicional	Total
<b>Substantivos</b>	104	32	12	<b>148</b>
<b>Adjetivos</b>	111	92	16	<b>219</b>
<b>TOTAL</b>	<b>215</b>	<b>124</b>	<b>28</b>	<b>367</b>
<b>(%)</b>	<b>58,6</b>	<b>33,8</b>	<b>7,6</b>	<b>100</b>

Fonte: Souza; Cordeiro (2024)

Os resultados mostram, de modo geral, que os nomes em *-nte* são mais composicionais, representando quase 60% de todas as ocorrências analisadas no *corpus*. Em comparação com outros níveis de composicionalidade, os dados indicam que um pouco mais 33% dos nomes estão em um “meio termo”, entre os usos mais e menos composicionais, ou seja, são intermediários. Enquanto, um pouco mais de 7% dos nomes apresentaram menor composicionalidade em mais de dois parâmetros.

Esses números estão alinhados com o que antecipamos acerca da categoria dos substantivos, conforme nossa hipótese inicial, o que gerou um impacto significativo para o resultado final. Em se tratando dos adjetivos, esperávamos encontrar uma maior quantidade de usos intermediários e menos composicionais, especialmente em parâmetros que poderiam favorecer esses casos, mas que não foram tão frequentes na análise como, por exemplo, casos que envolviam a presença de projeções metafóricas e metonímicas, ou processos sociointeracionais, como a intersubjetividade e inferenciação pragmática.

Dessa forma, constatamos que, em três dos quatros parâmetros analisados, os nomes se mostraram mais composicionais. Esses parâmetros foram: a analisabilidade, com a maioria dos construtos sendo mais analisáveis; a correspondência de sentido entre verbo e nome derivado, parâmetro no qual grande parte dos nomes apresenta transparência semântica com seus verbos de origem e a especialização semântica em que as ocorrências se mostraram menos especializadas pragmaticamente. Portanto, concluímos que o único parâmetro em que os nomes exibiram uma frequência maior de usos intermediários ou menos composicionais foi na herança da moldura sintático-semântica do verbo-base.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nos achados desta pesquisa, foi possível avaliar, à luz dos princípios funcionalistas e da Gramática de Construções, o grau de composicionalidade da construção nominalizadora  $[[X]_V -nte]_N$ , em suas diversas instâncias de uso. Para tanto, ocupamo-nos em identificar as propriedades formais e funcionais que influenciam a composicionalidade dos nomes, bem como as motivações semântico-cognitivas e discursivo-pragmáticas que podem estar presentes em seus contextos de uso.

A partir da análise de ocorrências escritas em português durante o século XX, verificamos que os nomes em *-nte* apresentam alto grau de composicionalidade, conforme demonstram os dados quantitativos da pesquisa. Evidenciando que a correspondência entre a forma e a função dos nomes é mais transparente. Para chegarmos a esse resultado, utilizamos quatro parâmetros basilares como critérios de análise, sendo eles: a analisabilidade; a herança pelo construto da moldura sintático-semântica do verbo-base; a correspondência semântica entre o verbo e o nome deverbal; e a possibilidade do construto expressar sentidos especializados intersubjetivamente.

Em suma, observou-se que os nomes em análise são predominantemente mais analisáveis, apesar de algumas construções ainda preservarem formas cristalizadas do latim. O estudo também mostrou que a maioria dos substantivos e adjetivos analisados não preservam mais a herança da estrutura argumental de seus verbos-base, o que, em alguns contextos, se deve a motivações semântico-cognitivas e/ou discursivo-pragmáticas.

No âmbito dos parâmetros funcionais, notou-se uma significativa correspondência semântica entre os nomes e seus verbos de origem. Embora, em algumas situações, tenha sido observado o uso de mecanismos cognitivos, como projeções metafóricas e metonímicas, que podem expandir o significado dos nomes, permitindo ao falante associar noções de um domínio cognitivo para acessar diferentes entidades ou aqueles de mesmo domínio, tais ocorrências foram pouco frequentes em nosso *corpus*. Quanto à especialização de sentido, decorrente de negociações intersubjetivas ou de inferências pragmáticas, a construção demonstra em seus usos não exibir tantos sentidos especializados, mas ainda preservar uma correspondência direta entre aspectos formais e funcionais, cuja motivação tem relação com a base verbal do nome.

Nesse sentido, os resultados obtidos reforçam o viés gradiente e escalar da composicionalidade, que se mostrou sensível à estrutura formal e aos contextos de uso da construção, evidenciando também a correlação entre aspectos morfológicos, semânticos e pragmáticos. Assim, a pesquisa contribuiu para o avanço das investigações no campo da Linguística Funcional Centrada no Uso, ao oferecer uma descrição detalhada e empiricamente sustentada da construção  $[[X]_V -nte]_N$ , ampliando a compreensão da relação entre forma e função.

## REFERÊNCIAS

BYBEE, J. L. *Morphology: a study of the relation between meaning and form*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.

BYBEE, J. L. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.

BYBEE, J. L. *Língua, uso e cognição*. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

BISPO, E. B.; CORDEIRO, F. S. A construção de sentidos no uso de adjetivos em -nte: uma abordagem funcional - cognitiva. *Estudos da Língua(gem)*, Vitória da Conquista - BA, v. 18, n. 1, p. 85 - 104, 2020.

BISPO, E. B.; LOPES, M. G. Linguística Funcional Centrada no Uso: teoria, método e aplicação. *Odisseia*, Natal/Rn, v. 7, n. especial, p. 1-10, 2022. Jan.- Jun.

CAMACHO, R. G. *Classes de palavras na perspectiva da Gramática Discursivo Funcional: o papel da nominalização no continuum categorial*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

CORDEIRO, F. S. *Construção nominalizadora de particípio presente: uma abordagem funcional centrada no uso*. 104f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós - graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2017.

CORDEIRO, F. S. *Nomes em -nte sob o viés diacrônico: uma abordagem funcional centrada no uso*. 2021. 219f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2021.

CORDEIRO, F. S. Atuação de processos sociointeracionais e projeções conceptuais na extensão semântica de nomes deverbais em -nte. *Revista Odisseia*, [S. l.], v. 7, n. Especial, p. 109–130, 2022. DOI: 10.21680/1983-2435.2022v7nEspecialID27548. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/odisseia/article/view/27548/15572>. Acesso em: 12 ago. 2024.

CORDEIRO, F. S; BISPO, E. B. Nomes em -nte: recategorização do particípio presente e fluidez categorial. *ProLíngua*, Paraíba, v. 17, n. 1, p. 14-29, 01 ago. 2022. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/prolingua/article/view/62310/35897>. Acesso em: 12 ago. 24.

CORDEIRO, F. S.; BISPO, E. B.; LUCENA, N. L. Esquematicidade, produtividade e composicionalidade de nomes deverbais em –nte. *Letras Escreve*, Macapá, v. 11, n. 1. p. 111-125, 2021.

CROFT, W. *Radical construction grammar: syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DIESSEL, H. *The Grammar Network: How Linguistic Structure is Shaped by Language Use*. New York: Cambridge University Press, 2019.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística funcional centrada no uso. In: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (Orgs.). *Linguística centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad: FAPERJ, 2013b. p. 13-39.

FURTADO DA CUNHA, M. A.; BISPO, E. B. Pressupostos teóricos-metodológicos e categorias analíticas da Linguística Funcional Centrada no Uso. *Revista do GELNE*, Natal/RN, vol. 15 Número Especial: 53-78. 2013.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction approach to argument structure*. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, A. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HILPERT, M. *Construction Grammar and its application to English*. Edimburg: Edimburg University Press, 2014.

HIMMELMANN, N. P. Lexicalization and grammaticization: Opposite or orthogonal. In: BISANG, W.; HIMMELMANN, N. P.; WIEMER, B. (Ed.). *What makes grammaticalization?: A look from its fringes and its components*. Berlin: Walter de Gruyter, 2004, p. 21-42.

HOPPER, P. J. Emergent grammar. In: *Berkeley Linguistics Society*. v. 13, p. 139-157, 1987.  
LANGACKER, R. W. *Foundations of cognitive grammar*. Vol 1: Theoretical prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.

SOUZA, F. V. L.; CORDEIRO, F. S. *Composicionalidade de nomes em –nte do século XX: uma abordagem centrada no uso*. 2024. 20 f. TCC (Graduação) - Curso de Letras-Português, Departamento de Linguagens e Ciências Humanas - DLCH, Universidade Federal Rural do Semi-Árido, Caraúbas-RN, 2024.

TOMASELLO, M. (Ed.) *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 1998.

TRAUGOTT, E. C.; DASHER, R. B. *Regularity in semantic change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, E.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and constructional changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

**Recebido em: 31/10/2025**

**Aprovado em: 09/12/2025**

**Publicado em: 08/01/2026**